

Dalcídio fala dos outros e de si

A. Bastos Morbach

* Transcrição da entrevista publicada no jornal Folha do Norte em 23/10/1960

Conhecia de nome e de vista o Dalcídio Jurandir. Mas não se dera, ainda, a oportunidade de um conhecimento mais chegado, de pessoa para pessoa. Aconteceu, na terça-feira última, de cruzar o repórter com o romancista dando-se, então, abordagem pelo último, numa auto-apresentação de onde surgiu o começo da palestra que concluiu, no dia seguinte, no Cartório de Ruy Barata, por uma entrevista.

ALÉM DE CHOVE NOS CAMPOS

Dalcídio no bate-papo que antecedeu às perguntas desta entrevista, nota que aqui por Belém do Pará ele ainda é o homem do "Chove nos Campos de Cachoeira". E não porque pretenda renegar primeiro livro, mas porque já avançou muito no campo literário depois do marco inicial, menciona esse fato para mostrar que quatro romances se seguiram àquele e que outros estão prontos ou sendo escritos. De fato, Dalcídio Jurandir, depois de "Chove nos Campos de Cachoeira", veio com outra contribuição à literatura brasileira, publicando "Marajó" que consideram a história do filho do fazendeiro que ficou girando entre o campo e a cidade, inútil a um e ao outro. Seguiram-se "Três casas e um rio", "Belém do Grão Pará" e "Linha do Parque", este fora do ciclo amazônida. Revelou, na conversa que mantivemos, haver terminado "Passagem dos Inocentes", já na Editora Martins, e o "Ginasião". Está escrevendo, no momento, o sétimo volume da série Extremo-Norte, o "Igarapé das Almas". E "Belém do Grão do Pará" vem de obter o prêmio "Paula Brito" no Rio de Janeiro.

Isto posto, passamos à entrevista. Fiz cinco perguntas e obtive cinco respostas.

Perguntei se no decênio 1950 - 1960 surgira autor inédito trazendo contribuição importante à literatura brasileira. E Dalcídio Jurandir responde:

- Têm surgido bons autores, sim, com uma contribuição importante. A nossa literatura está em ascensão. E fará parte da universal à medida que se tornar mais brasileira, mais rica de nosso povo.

Veio, então, a segunda indagação. O repórter quis saber se o sucesso de "Gabriela, Cravo e Canela" importava em ser o livro a melhor criação de Jorge Amado, ou se havia outro motivo para explicar a enorme aceitação do mais recente romance de Amado.

- Jorge Amado é o nosso romancista de maior público

e a sua obra o merece, responde Dalcídio, para acrescentar: - O sucesso de "Gabriela, Cravo e Canela" não é, apenas, o de um vulgar "best-seller", é livro bem brasileiro com um pitoresco e um tipo feminino de primeira qualidade.

- Como você entende, Dalcídio, o fenômeno Carolina Maria de Jesus?

- O fenômeno Carolina de Jesus explica-se: é o

depoimento de uma senhora (digo senhora, pelo respeito que tenho, antes de tudo, a uma mulher do povo) sobre o Brasil, esta terrível favela que se espalha entre setenta milhões de brasileiros...

A quarta questão proposta pelo repórter, Dalcídio pensou em fugir à resposta, para evitar susceptibilidades. Mas afinal concordo em falar. A pergunta é esta: O movimento intelectual no Pará, no momento, é melhor ou inferior ao da geração de antes de 1930?

- Com perdão da palavra, literariamente, é pior. Não que faltem talentos. Estes andam subjugados pela mediocridade de lantejoulas e brilharecos mais. Triste dizer. E temos uma Universidade! Mas vale a pena o Norte Teatro Escola. E temos ainda, entre os estudantes, professores e escritores, uma inquietação do tempo e do mundo que honra a cultura, em Belém.

À última pergunta, Dalcídio imprime à resposta algo de sua filosofia. Perguntou o repórter:

- Se você fosse indicar o seu melhor romance, qual seria o apontado?

- Meu melhor romance? Pergunta, por sua vez, Dalcídio, para lembrar um episódio marajoara:

- Isto me faz lembrar a conversação que tive com um vaqueiro em Soure. Dizia este, velho laçador de trinta anos: Laçar é arte que a gente morre nunca sabendo.

E conclui:

- É uma lição de ofício que este me deu nesta minha obstinação de fazer romance. Por isso, espero que me perguntem: Qual o seu pior romance?

